



Considerações sobre a angústia a partir da relação entre Rodrigo S. M. e Macabéa, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector

Considerations on the matter of anguish through a comparison between Rodrigo S. M. and Macabéa, from *A hora da estrela*, by Clarice Lispector

**Maria Rita Loureiro Vasconcelos Barbosaⁱ
Jacqueline de Oliveira Moreiraⁱⁱ**

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Brasil.

Resumo

Em *A hora da estrela*, Clarice Lispector nos apresenta Rodrigo S. M., um ser angustiado e perdido em si mesmo, e Macabéa, personagem criada por Rodrigo S. M. que é não só uma representação de sua angústia, mas também uma representação da própria angústia. Ao fazer um estudo de caso das personagens do livro de Clarice Lispector, seus sentimentos e, sobretudo, suas existências do ponto de vista da Psicologia Existencial e ao articular tais análises à obra *A Náusea* de Sartre, foi possível analisar as várias tangências entre elas e, a partir daí, tecer considerações acerca da angústia e do vazio existencial do homem contemporâneo.

Palavras-chave: Clarice Lispector; *A hora da estrela*; angústia; Psicologia Existencial.

Abstract

In *A hora da estrela*, Clarice Lispector presents Rodrigo S. M., a human being that is anguished and lost in himself, and Macabéa, a character created by Rodrigo S. M. who is not only a representation of his anguish, but also a representation of anguish itself. By doing a case study of this novel's characters, their feelings and, especially, of their existence from the point of view of Existential Psychology to articulate such analyzes and the work of Sartre's *Nausea*, it was possible to analyze many tangencies between those ills and modern man, especially in his anguish and existential emptiness.

Keywords: Clarice Lispector, *A hora da estrela*, anguish, Existential Psychology.

Considerações iniciais

Em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, Rodrigo S. M., narra a angustiante história da jovem nordestina de nome Macabéa, que se mudou para o Rio de Janeiro. Com um emprego miserável, um namoro malsucedido e uma moradia tão precária quanto sua existência, Macabéa tem sua libertação na morte. O livro aponta, entre outras perspectivas, a angústia existencial do ser humano levada ao extremo, como demonstra a existência quase vazia de Macabéa. A história da protagonista, que na verdade é antagonista de si mesma, nos parece um excelente material de estudo psicológico.

Acreditamos, assim, que a literatura possa servir como fonte riquíssima à Psicologia, uma vez que aborda a vida humana em diferentes contextos e diz do ser humano em relação com sua constituição existencial e social. Em *A hora da estrela*, especificamente, Clarice Lispector nos fornece um personagem riquíssimo para um estudo de caso. Macabéa é a personificação do vazio existencial, da alienação do ser sobre sua própria existência e do desconhecimento de seu mundo, fenômenos recorrentes nos dias atuais que são imprescindíveis à Psicologia.

Pretendemos fazer uma análise do personagem de Macabéa a partir da Psicologia Existencial enfocando o campo dos afetos, o seu ser-no-mundo e, por fim, sua existência e suas angústias. Usamos como estratégia metodológica o estudo de caso, que, segundo Laville e Dionne (1999), pode ser o de uma pessoa, ou de um grupo, ou até de um acontecimento especial. Neste caso, a pessoa em questão é um personagem de ficção. Dessa forma, esperamos que, ao analisarmos a personagem Macabéa, possamos aprender sobre a angústia existencial patológica que assola o ser humano.

Angústia: em busca de definições

Na busca por uma definição de angústia, consultamos o *Dicionário Aurélio*, um dicionário muito utilizado na cultura brasileira, no qual se encontra a seguinte definição:

“Ansiedade física acompanhada de opressão dolorosa: os estremecimentos da angústia. / Inquietude profunda que oprime o coração: uma angústia mortal. / Filosofia. Experiência metafísica, para os filósofos existencialistas, através da qual o homem toma consciência do ser. E tem como sinônimos: agonia, ansiedade, apreensão, aperto”. (Ferreira, 2010).

Podemos observar que nesta definição a angústia aparece associada à ansiedade. No entanto, Rocha (2000) nos oferece uma melhor compreensão quando retoma a etimologia da palavra “angústia” em suas diferentes raízes linguísticas para nortear seu conceito e sua inscrição no corpo. Segundo o autor, na língua latina tem-se os radicais *ang* e *anx*. De *ang* derivam as palavras “angina”, que significa dor espasmódica, *angor*, que quer dizer angústia ou opressão, *angustus-a-um*, que diz de estreito ou apertado, *angústiae-arum*, que significa desfiladeiro, e *anguste*, que significa concisamente. Já as palavras derivadas de *anx* estão relacionadas à ansiedade. Os dois radicais se encontram no verbo latino *angere*, que é conjugado *ango*, no presente, e *anxi*, no perfeito.

Desde a mais remota Antiguidade a palavra “angústia” foi também associada às palavras “medo”, “temor” e “dor”. Dessa forma, Rocha (2000) conclui que “angústia encerra a ideia de estreiteza, aperto, dificuldade de respirar, mas inclui também a ideia de medo, sofrimento, vexame e de

temor, que pode ir do receio ao pânico” (Rocha, 2000, p. 26).

No entanto, mesmo que a etimologia e o significado da palavra estejam bem claros, a definição de angústia ainda é um tanto quanto complexa, visto que é um mistério que se apresenta como a experiência do “nada”. Uma sombra que se coloca sobre o ser e o acompanha fielmente a todo lugar trazendo sensações inexplicáveis expressas como algo incômodo e sem razão aparente.

Segundo Frankl (1945/2008), a angústia conflitante é, em certa medida, necessária para criar no ser humano questionamentos que o levem a dar sentido para sua vida. A existência concreta e, portanto, real, coloca à prova a consciência de si no mundo. O existir deve ser também concreto e responsável, e, para isso, ter um sentido é imprescindível.

Frankl nos diz da “existência nua e crua” (Frankl, 1945/2008, p. 29) quando relata sua experiência como prisioneiro em campos de concentração na II Guerra Mundial. Esta experiência traz a questão última da finitude da vida, a curiosidade que se traduz em angústia sobre o existir humano. Um conjunto de indagações, quase sempre sem respostas, que deixam margem a um abismo do qual Frankl procura nos afastar.

Macabéa e a tradução da angústia

Rodrigo S. M., personagem que dá “vida” a Macabéa, é um ser angustiado em busca de respostas e sentido para a vida. É importante ressaltar que, paradoxalmente, o sujeito angustiado pode se acomodar na situação de sofrimento tal como o sujeito descrito por Frankl, que é acomodado e se torna alienado de si mesmo, perdido na grande angústia que sente sem se dar conta da responsabilidade última do existir humano. Macabéa surge, então, como fruto da angústia de Rodrigo S. M., sendo possível afirmar, inclusive, que a produção literária de Rodrigo S. M.

é uma saída da situação de comodidade em que se encontrava.

O livro baseia-se na necessidade do narrador de encontrar respostas para suas questões sobre a vida. Seus principais questionamentos divergem entre a existência divina, a vida, a morte e o autoconhecimento. Um exemplo disso é o fato de Macabéa sempre fazer suas orações vazias, desprovidas de sentido, ou mesmo de qualquer ideal de ligação divina, apenas recordando maquinalmente os versos religiosos aprendidos com a tia. Além disso, há também os questionamentos menores de comportamentos humanos, fatos e palavras que demonstram o total desconhecimento de Macabéa sobre si e sobre o mundo.

Na dedicatória do livro, o trecho “Trata-se de livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me dê” (Lispector, 1977/1998, p. 20) representa a busca do personagem por uma resposta de algo maior, ainda não alcançada pelo simples fato de ele não ter encontrado saída para sua angústia (ou pelo próprio medo de encará-la). O livro termina com a morte libertadora de Macabéa, que, contudo, não representou um fim para Rodrigo S. M. Ainda seriam necessárias respostas concernentes a questionamentos maiores, o que fica claro na passagem “enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas continuarei a escrever” (Lispector, 1977/1998, p. 21). A permanência destes questionamentos é fruto, principalmente, do fato de Rodrigo S. M. ter criado uma personagem para representar sua angústia e, portanto, por não a ter encarado como sua.

Rodrigo S. M. deixa bem claro ao começar sua história que está em “estado de emergência e calamidade pública” (Lispector, 1977/1998, p. 20), o que demonstra claramente os sentimentos do narrador ao criar sua personagem e a necessidade urgente dela para furtar-se deles. Macabéa diz

da angustiante ausência de sentindo vivida por seu criador já que, ao criá-la, este está expressando na forma dessa jovem de vida rala e vazia o que na verdade ele próprio é e sente. É possível extrair o grande vazio existencial de Rodrigo S. M. no trecho “e preciso falar dessa nordestina, senão sufoco. Ela me acusa e o meio de defender é escrever sobre ela” (Lispector, 1977/1998, p. 26), ou ainda, “escrevo, portanto, não por causa da nordestina, mas por motivo grave de ‘força maior’, como se diz nos requerimentos oficiais, por ‘força da lei’” (Lispector, 1977/1998, p. 26).

O vazio existencial de que nos fala Frankl é expresso pelo tédio e o cansaço precoce da vida, que conduzem à inércia espiritual na qual o ser se entrega à angústia e desmorona em si mesmo. Rodrigo S. M. expressa claramente este estado em seu espírito quando diz:

“Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar. A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fisgada funda em plena boca nossa. Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade” (Lispector, 1977/1998, p. 21).

“A dor de dentes que perpassa esta história” define-se como a angústia sentida pelo narrador e se assemelha à vida incômoda de Macabéa: sua moradia, seu trabalho, suas roupas, o café frio, a escassez de comida, que incomodam tal qual a dor de dentes. O narrador diz sentir a dor do mundo, trazendo em si toda a consciência da ignorância humana, a superficialidade e o vazio presentes no existir do homem. Tanto tem consciência disso que alerta seus leitores:

“Que cada um a reconheça em si mesmo por que todos nós somos um e quem não tem pobreza de

dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial.” (Lispector, 1977/1998, p. 26).

Para Frankl (1945/2008), na pior das hipóteses, o ser humano não consegue questionar a si e ao mundo, e, dessa forma, fixa seus pés em um chão falso que o leva às trevas de sua existência. A saída dessa crise é a busca pelo sentido, que se faz através da reflexão sobre o que a vida espera de cada um, já que, segundo ele, a vida não possui um sentido universal. Desse modo, faz-se essencial o questionamento, sendo a angústia parte deste processo de autoconhecimento, em que se procura sentido para a existência. Nesse sentido, Macabéa, “se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu’, cairia estatelada e em cheio no chão. É que ‘quem sou eu’ provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto.” (Lispector, 1977/1998, p. 30).

Em sua dimensão existencial, a angústia é um grito abafado em direção ao que Rocha (2000) chama de “outro relativo” e “outro Absoluto”. O outro relativo é aquele “com quem tecemos nossas vivências intersubjetivas” (Rocha, 2000, p. 19), e o outro Absoluto diz “da relação do sujeito com a transcendência” (Rocha, 2000, p. 19). Na descrição de Rodrigo S. M., Macabéa “não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? E de receber um “não” na cara? [...] Por falta de quem respondesse ela mesma parecia ter se respondido: é assim porque é assim” (Lispector, 1977/1998, p. 41). A personagem se vê na ausência de questionamentos maiores e, portanto, no desconhecimento de sua própria existência, como diz Rodrigo S. M.: “Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (Lispector, 1977/1998, p. 42). Segundo Heidegger citado por Rocha (2000),

através da angústia o ser se singulariza e sua existência se torna autêntica.

Em *A hora da estrela*, escrever é o modo que Rodrigo S. M. encontra para externar sua angústia. O personagem tem consciência desse fato e, inclusive, o relata na seguinte passagem:

“Escrevo por não ter nada a fazer no mundo: sobrei e não há lugar pra mim na terra dos homens. Escrevo porque sou um desesperado e estou cansado, não suporto mais a rotina de me ser e se não fosse a sempre novidade que é escrever, eu me morreria simbolicamente todos os dias”. (Lispector, 1977/1998, p. 35).

Durante seu já citado “estado de emergência e calamidade pública” (Lispector, 1977/1998, p. 22), surge Macabéa, um ser desprovido de existência que representa o próprio vazio, o que faz com que se possa, portanto, associá-la à angústia enquanto personificação não só daquela sentida por Rodrigo S. M., mas também, e principalmente, do próprio sentimento angústia.

Lispector parte da vida banal e desinteressante de Macabéa para chegar ao âmago da personagem, em que se descobre um ser condoído do corpo e também da vida. A morte de Macabéa é o momento no qual a personagem encontra consigo mesmo e com seus sentimentos, que até então eram desconhecidos. A morte da nordestina deveria libertar também Rodrigo S. M., mas não o faz, o que nos leva a indagar se também Lispector não se via livre de sua angústia, uma vez que Rodrigo S. M. pode ser considerado um alter ego de Clarice.

Sartre (1938/2000) retrata o processo descrito por Frankl (1945/2008) em seu livro *A Náusea*, no qual Antoine Roquentin, um homem de meia idade, convive com um sentimento de vazio existencial e tem

constantes crises de angústia, as quais ele denomina “náusea”. Na falta de uma essência verdadeira, segundo o personagem, os seres humanos buscam uma essência artificial e iludida. Ao se dar conta da existência absurda e absoluta das coisas e dos seres, Roquentin decide se mudar para Paris e abandonar o livro que escrevia sobre um personagem histórico. A náusea sentida por Antoine Roquentin se assemelha a Macabéa, uma vez que é a sua representação da angústia assim como a nordestina é a personificação da angústia de Rodrigo S. M.

Macabéa, como se pode notar ao longo da narrativa, não é angustiada, pois mal tem conhecimento de sua existência. Ela é o próprio vazio, é a representação da angústia. Já Rodrigo S. M. assume ter consciência de sua angústia quando diz: “Através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida” (Lispector, 1977/1998, p. 49). Macabéa é, portanto, o grito abafado de Rodrigo S. M., a angústia existencial sofrida pelo narrador.

Rocha (2000), ao resgatar a etimologia da palavra “angústia” na língua latina, observa que do radical *anx* derivam palavras como “ansioso” e “inquieto”. Nesse sentido, “ansiedade” difere-se de “angústia” por estar relacionada aos sentimentos de um espírito inquieto e preocupado, sintomas antagônicos aos citados até aqui para a angústia. Rocha (2000) ainda observa que os radicais *ang* e *anx* encontram-se no verbo latino *angere*, que se conjuga: *ango*, no presente, e *anxi*, no perfeito. Segundo Rocha, “o par ‘angústia’ e ‘ansiedade’ é uma característica constante das línguas do tronco indo-europeu” (Rocha, 2000, p. 25).

Assim como a angústia, a ansiedade é em certa medida necessária para o ser humano. Porém ela se torna patológica quando impede que o indivíduo cumpra suas ações rotineiras. O medo do que pode vir a acontecer paralisa o indivíduo,

que não se sente capaz de enfrentar situações normais do dia a dia, como, por exemplo, conviver com outras pessoas.

Paul Tillich define a angústia como “o estado no qual o ser tem ciência de seu possível não-ser” (Tillich, 1972/2001, p. 31). O autor postula a existência de três tipos de ansiedades existenciais, quais sejam: a ansiedade da morte, que segundo ele é “básica, universal e inescapável” (Tillich, 1972/2001, p. 42); a angústia da vacuidade, que deriva da dúvida sobre questões espirituais; e a angústia da condenação, que diz respeito aos sentimentos de culpa e, conseqüentemente, à condenação. Esses tipos de angústias, por serem existenciais, não podem ser simplesmente tratados, mas sim incorporados pelo ser, o que constitui a autoafirmação desse ser sobre o que o ameaça, ou, como define Tillich, “a coragem de ser” (Tillich, 1972/2001).

Ainda para Tillich (1972/2001), a angústia é neurótica quando o ser não consegue tomar para si suas ansiedades existenciais, negando-as. Segundo ele, “a angústia patológica é um estado de ansiedade existencial sob condições especiais” (Tillich, 1972/2001, p. 53).

Nesse sentido, Macabéa não é ansiosa, já que não pensa no futuro, tampouco formula questões pertinentes sobre sua existência. Ela até sente alguma culpa, mas desconhece o porquê de senti-lo. Macabéa é tão vazia de si que desconhece o próprio vazio que há nela. Ela é, portanto, um caso de angústia patológica. Parece-nos, pois, indispensável demonstrar a diferenciação entre angústia existencial e angústia patológica, o que será feito a seguir.

Patologização da angústia

Em uma sociedade voltada para a busca desenfreada pela felicidade, qualquer manifestação de resignação, tristeza, abatimento ou desconforto acaba por ser considerada uma patologia a ser tratada. Não é permitido ser infeliz, já que tudo está à disposição para tornar a vida mais fácil e menos trabalhosa. O homem precisa moldar-se pela tecnologia para se inserir no mundo e não ser considerado antiquado ou obsoleto, já que isso contraria todos os ideais tecnológicos imputados a nós. Somos, portanto, nós que devemos nos adequar às inovações da tecnologia, e não o contrário. Além disso, o homem parece sentir-se seguro apenas se provido de seu maquinário de última geração. Essa (falsa) segurança o afasta dos questionamentos primordiais sobre sua vida, o que, cada vez mais, vai distanciando o homem de sua existência e de significados para a mesma. E ao se dar conta do vazio existencial – que ele mesmo construiu –, o homem se depara com a angústia e se sente completamente perdido em um mundo paradoxalmente repleto de possibilidades, mas desprovido de sentido.

Na contemporaneidade, a angústia existencial é vista como negativa. O sujeito deve suprir a pergunta sobre a existência com objetos de consumo. O ser para o consumo, que é a falsa ideia de felicidade, torna-se gradativamente mais angustiado, e, ao invés de essa angústia ser encarada como uma possibilidade de singularização do ser, como um caminho necessário para o encontro dos significados de sua existência, ela é vista como o sintoma de uma patologia, como uma doença passível de ser tratada com remédios e que deve ser repelida.

Para a Psicologia Existencial, a angústia não é, à primeira vista, patológica, porque se trata de uma condição do ser para se abrir a novas possibilidades. A carência de reflexão na contemporaneidade faz com que a

angústia se expresse por meio da ansiedade, dos transtornos do pânico e da depressão. Mas, assim como um organismo cria seus anticorpos, a sociedade contemporânea alienada criou sua forma de defesa contra a ansiedade e a angústia, que consiste em considerá-las, como já dito, doenças, e, portanto, devem ser erradicadas, pois o que alimenta o sistema é a necessidade desenfreada de ser feliz a todo custo.

A patologização da angústia é criticada por Sponville (2000):

“Fazem-me rir nossos pequenos gurus, que querem proteger-nos dela [da angústia]. Ou nossos pequenos psis, que querem curar-nos dela. Por que não nos curam, em vez dela, da morte? Por que não nos protegem, em vez dela, contra a vida? Não se trata de evitar, e sim de aceitar. Não de curar, e sim de atravessar.” (Sponville, 2000, p. 12).

Ainda que haja um exagero na contemporaneidade, não podemos negar essa possibilidade de a angústia existencial se tornar de fato patológica. Isso acontece quando impede que o ser humano singularize sua existência através do crescimento por ela proporcionado. A paralisção do ser em um estado de angústia provoca sua alienação diante do mundo e pode ser tão extrema que pode chegar ao ponto de levá-lo a desistir de sua existência.

Macabéa, como já afirmado, não é angustiada, já que para tal é preciso o reconhecimento e o questionamento perante a existência, e ela, pelo contrário, vive sem dar conta de si e do mundo. No entanto, a angústia personificada por ela é patológica, pois a torna incapaz de descobrir as possibilidades de sua existência. Seu autodesconhecimento não a permite saber o que pode fazer para tornar sua existência única e provê-la de sentido.

Segundo Frankl (1945/2008), a vida tem sentido mesmo nas situações mais miseráveis. Para ele, existe um “otimismo trágico”, que consiste em utilizar o potencial humano para dizer sim à vida apesar dos obstáculos. Para não deixar que a tríade trágica (dor, culpa e morte) tome conta do ser, são precisos, basicamente, três passos. O primeiro é transformar o sofrimento em experiência, e, desta forma, possibilitar o crescimento e a realização do ser; o segundo é retirar da culpa a força e a vontade para ser melhor a cada atitude; e o terceiro é ter consciência da finitude da vida e, a partir disso, viver de forma responsável.

A angústia em si não tem saída, pois é existencialmente básica e não pode ser afastada. Por isso, é preciso aprender como lidar com esse sentimento sem que ele se perpetue no ser, tornando-o escravo de seu sofrimento e impedindo o seu crescimento.

Considerações finais

Não podemos desconsiderar a problemática social apresentada no livro *A hora da estrela*. Clarice Lispector (1977/1998) nos oferece a descrição da cruel invisibilidade do pobre e, mais especificamente, do retirante nordestino na grande cidade que obedece à lógica capitalista. Sem desconsiderar a importância deste elemento, é preciso, entretanto, ressaltar que nosso objetivo foi o de refletir sobre o tema da angústia existencial, sendo a protagonista do romance, Macabéa, a própria angústia encarnada.

Macabéa ao ser “ninguém” torna-se cada um de nós, já que a angústia hora ou outra atinge a alma humana e pode ser fonte de aprendizado, singularizando nossa existência, ou perpetuando-se, causando sintomas como depressão e outras inúmeras síndromes diagnosticadas nos dias atuais.

A angústia chega a ser insuportavelmente dolorosa, entretanto o ser humano pode facilmente acomodar-se a ela. Isto porque no sofrimento o homem consegue, muitas vezes, ter total atenção e apoio daqueles que o rodeiam, o que pode torná-lo dependente desse sofrimento.

Apesar do esforço geral para considerá-la patológica em qualquer estágio, a angústia não é uma patologia a não ser que impeça que o ser encontre formas de significar sua existência. A acomodação, que é o que leva à real patologização da angústia, é um dos grandes problemas encontrados no homem contemporâneo. A falta de iniciativa para começar uma possível mudança estaciona o ser em um estado de inerte alienação e desconhecimento de suas reais possibilidades existenciais.

A frase com a qual se inicia a narrativa, “Tudo no mundo começou com um sim” (Lispector, 1977/1998, p. 11), revela a necessidade de se dizer sim à vida, o que implica torná-

la possível e única. Para aceitar a imperfeição da condição humana e encontrar sentido na existência, é preciso dizer sim à mudança e encontrar neste sim as várias possibilidades de ser.

Nessa perspectiva, o livro se finda com um “sim” que remete à frase inicial da história de Macabéa, sugerindo que, para começar qualquer coisa, primeiramente é preciso aceitar a vida, enfrentar a angústia e apresentar-se como ser positivo perante nossa existência.

Macabéa não disse sim à vida, e morreu sem que praticamente a tenha vivido. Desconhecida de si, dos outros e do mundo, aguardava seu destino maravilhoso, mas encontrou na morte a sua *hora da estrela*. Macabéa nos deixa a lição de que não precisamos morrer para existirmos; o próprio viver nos dá tudo o que é preciso para alcançarmos a plenitude, sendo a angústia muitas vezes fundamental para mortificar o espírito e, assim, impulsioná-lo a autenticar e dar sentido à nossa existência.

Referências Bibliográficas:

- Ferreira, A. B. H. (2010). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (5a ed.). Rio de Janeiro: Editora Positivo.
- Frankl, V. E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (25a ed.). (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1945).
- Laville, C. & Dionne, J. (1999) *A construção do saber*. Porto Alegre: Artes Médicas; UFMG.
- Lispector, C. (1998). *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco. (Obra original publicada em 1977).
- Rocha, Z. (2000). *Os destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta.
- Sartre, J-P. (2000). *A Náusea* (10a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra original publicada em 1938).
- Sponville, A. C. (2000). *Bom dia, angústia!*. São Paulo: Martins Fontes.

Tillich, P. (2001). *A coragem de ser* (6a ed.). (E. Malheiros, Trad.). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Obra original publicada em 1972).

Recebido em: 06/09/2011

Revisado em: 27/10/2012

Aceito em: 28/10/2012

Sobre as autoras:

ⁱ **Maria Rita Loureiro Vasconcelos Barbosa** é aluna do 7º período de Psicologia pela PUC Minas.

E-mail: mariaritaloureiro@yahoo.com.br

ⁱⁱ **Jacqueline de Oliveira Moreira** é Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUC/MG (M/D).

E-mail: jackdrawin@yahoo.com.br